

*DAD-DEPARTAMENTO DE ARTES E DESIGN*

**QUESTÕES DA SUBJETIVIDADE NO DESIGN:  
UMA INVESTIGAÇÃO DAS PRÁTICAS DE  
SUBJETIVAÇÃO ENVOLVIDAS NAS  
OFICINAS DE ARTESANATO DA AMEBRAS.**

*Sandra Barbosa Bastos,  
Denise B. Portinari.*

---

*<sup>1</sup> Aluno de Graduação do curso de Desenho Industrial PUC RIO.*

*<sup>2</sup> Denise B. Portinari Doutora em Psicologia – PUC RIO*

# Sumário

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>3</b>
<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>4</b>
<b>RELATOS DE OBSERVAÇÃO.....</b>	<b>5,6,7,8</b>
<b>EM MANAUS.....</b>	<b>9,10,11</b>
<b>CONCLUSÃO/TRABALHOS FUTUROS.....</b>	<b>12</b>
<b>AGRADECIMENTOS/REFERÊNCIAS.....</b>	<b>13</b>

## **Introdução**

A pesquisa relatada teve como objetivo observar as práticas artesanais desenvolvidas nas oficinas de “Carnaval e Cidadania”, oferecidas pela AMEBRAS, na Cidade do Samba, a mulheres de diversas comunidades do Rio de Janeiro. A AMEBRAS (Associação de Mulheres Empreendedoras do Brasil) é uma instituição sem fins lucrativos, voltada para a capacitação profissional de mulheres de baixa renda. As Oficinas de “Carnaval e Cidadania” são cursos derivados do segmento carnavalesco (todo o processo de produção envolvido na realização da festa carnavalesca), que visam a capacitação de mulheres para a produção de artefatos inspirados no Carnaval. O objetivo maior desses cursos é a inserção das artesãs no mercado de produção e venda de artefatos carnavalescos, proporcionando-lhes assim uma oportunidade de geração de renda não limitada à sazonalidade do trabalho de produção da festa do Carnaval.

Essas oficinas acontecem durante toda a semana no próprio espaço chamado “Barracão 1”, da Cidade do Samba, aonde costumam ser confeccionados os carros alegóricos. Nesse espaço também existem áreas de exposição de fantasias e carros alegóricos, áreas para a realização de bailes, entre outras, voltadas para o turismo. Os produtos das oficinas são comercializados em uma sala montada para esse fim; são vendidos também em outros espaços turísticos. Além das oficinas práticas, o projeto da AMEBRAS inclui a oferta de aulas de cidadania e empreendedorismo (embora, segundo observamos, a implementação dessas disciplinas ainda não tenha sido regularizada). O objetivo maior do “Carnaval e Cidadania” seria o de formar pessoas aptas a exercerem os seus direitos e as suas responsabilidades como cidadãos, no sentido pleno da palavra.

Assim como o projeto “Carnaval e Cidadania” entende que a capacitação profissional envolve a transformação de aspectos subjetivos, para além do mero ensino de processos e técnicas de produção, também esta pesquisa procurou focalizar as vivências subjetivas das mulheres envolvidas nas oficinas em questão. Os aspectos subjetivos envolvidos nos processos de configuração de objetos de uso e de imagens são pouco explorados pela pesquisa em design, sempre mais interessada nos “fatores humanos” ligados aos processos de recepção (público-alvo, consumidor, usuário, etc.). Mas, segundo a abordagem desenvolvida no Grupo Barthes, as questões subjetivas sempre merecem ser examinadas, em qualquer dos tipos de processo, pois ambos envolvem tais questões. Além disso, a perspectiva da subjetividade permite estabelecer uma certa continuidade entre a produção e a recepção, na medida em que os sujeitos são tanto usuários quanto receptores; enfim, a perspectiva da subjetividade permite conceber a relação entre pessoas e produtos em termos mais flexíveis e menos estanques. Essa foi a perspectiva adotada na presente pesquisa.

Esse foco traz uma contribuição necessária também aos estudos sobre o fazer artesanal, na medida em que as instituições voltadas para o estudo e a valorização do artesanato costumam focar o seu olhar sobre o produto, sobre a sua composição, o processo de produção, os saberes aí envolvidos, e mesmo os aspectos sócio-econômicos relativos aos produtores. Todavia, pouco focalizam o indivíduo artesão, inserido ou não em uma comunidade artesanal, com suas motivações e inquietações; suas elaborações sobre aquele fazer, o seu modo próprio de formular os saberes aí envolvidos, em suma, o seu discurso singular.

Assim, não tratamos aqui, apenas do produto artesanal em si: o foco principal da pesquisa foram as mulheres que o produzem.

Cabe ressaltar ainda que o artesanato “carnavalesco” produzido pela iniciativa da AMEBRAS é um artesanato urbano e, como parece ser freqüentemente o caso nesse tipo de produção artesanal, é também um artesanato *induzido*. Esse aspecto foi um dos focos centrais desta pesquisa, que procurou entender como se dá essa indução, os discursos que a sustentam, e os seus efeitos sobre as vivências das pessoas envolvidas. Como contraponto a essa indução, foi realizada uma investigação com artesãos participantes da feira de Manaus – sendo esses artesãos pertencentes a comunidades artesanais e detentores de saberes tradicionais, passados normalmente por diferentes gerações dentro de uma mesma família. Esperamos, assim, poder levantar questões sobre as possíveis diferenças e implicações subjetivas desses diferentes modos de prática artesanal.

### **Metodologia**

Através de dissertações de mestrado voltados a design e artesanato originaram-se dois grupos de estudos voltados para a investigação de aspectos subjetivos presentes nessa interseção (GRUDAR e Grupo Barthes). Daí surgiu a necessidade de uma metodologia a ser utilizada na investigação de fatores subjetivos no âmbito de pesquisas em design. Do intercâmbio com o Núcleo de Estudos em Tecnologia e Subjetividade, do Departamento de Psicologia da PUC RIO, nasceu a idéia de adaptar e aplicar o método de análise desenvolvido pela Prof<sup>a</sup> Ana Maria Nicollaci da Costa para as pesquisas do Núcleo: o Método de Explicitação do Discurso Subjacente. Este método requer uma cuidadosa etapa preliminar de pesquisa, para a formulação de questões, definição do grupo a ser entrevistado e estabelecimento de um roteiro de entrevista. O estilo de levantamento de dados adotado nesta pesquisa corresponde, mais ou menos, à etapa preliminar do MEDS. Tendo sido observado que as mulheres participantes das oficinas constrangiam-se diante de qualquer atitude investigativa mais formal, foi adotado um procedimento de conversas informais estabelecidas a partir da inserção da pesquisadora como observadora e eventual participante nas próprias oficinas. Resultou daí uma crescente aproximação entre a pesquisadora e as participantes, que enriqueceu muito a pesquisa. As conversas giravam em torno dos mais diversos temas, desde assuntos relacionados diretamente ao aprendizado nas oficinas (técnicas, materiais, preferências estéticas, etc.), até comentários e relatos sobre a vida pessoal, das mulheres, suas expectativas e a importância do artesanato em sua vida, assim como planos para o futuro e o desejo de aperfeiçoar o que já sabiam.

**Relatos de algumas sessões de observação e entrevista extraídas do diário de anotações mantidos pela pesquisadora :**

**Na Amebras**

A primeira aula observada foi a de customização, nestas aulas as alunas faziam uma flor de retalhos de tecido (Chita), que pode ser utilizada como broche ou aplicada em roupas e almofadas. O tecido Chita, são retalhos que foi adquirido por doação de fábricas, vemos aí que além das alunas aprenderem uma atividade artesanal aprendem também a reciclar e aproveitar melhor sobra de materiais. A reciclagem é uma característica bem forte das oficinas na Amebras, pois veremos outros casos posteriormente. Uma das alunas deste curso é D. Terezinha de 60 anos, com ela tive a primeira conversa. D. Terezinha é aposentada e mora em São Cristóvão. Então eu perguntei se ela se sente feliz com o que faz e ela diz se sentir muito feliz e útil, por saber que pessoas usam o que ela faz. D. Terezinha vê no artesanato uma oportunidade de aumentar a renda familiar, e confessa “Quando trabalho muito, ganho até 400 reais por mês!”. D. Terezinha já trabalha com artesanato há bastante tempo e chegou até a AMEBRÁS através de um anúncio no jornal. Ela ainda vai mais além, “Acredito que o artesanato é tão importante na vida de uma pessoa que deveria ser implantado nas escolas como disciplina, afinal é uma atividade que não apenas gera renda, mas dignifica o indivíduo”, afirma. Devido a longos feriados, programações extras e as festividades de fim de ano, a Amebras encerrou suas atividades por um período retornando só no ano de 2007.

Durante o período de recessos por causa das festas em janeiro de 2007 a Amebrás ofereceu as comunidades carentes um Laboratório de Adereços Carnavalescos, este foi ministrado no mesmo espaço em que as alunas aprendem os cursos durante o ano. Neste laboratório elas desenvolveram máscaras para um baile que aconteceria no mês de fevereiro, a equipe é composta por aproximadamente 25 alunos e um professor especializado na área, para cada dia da semana um professor diferente, isso é interessante porque proporciona as alunas técnicas diferenciadas no desenvolvimento do produto.

O material utilizado são dos mais variados possíveis, a própria máscara é confeccionada em borracha EVA, que após ser riscada, cortada, e vazada na altura dos olhos, elas são amolecidas com ferro de passar roupas e moldadas no rosto de um manequim, após terem esfriado, aí sim elas recebem o adereçamento.



1) EVA cortada e vazada nos olhos.



2) passa a máscara para amolecê-la.



3) posiciona máscara no rosto do manequim para moldá-la.



4) a máscara é revestida por uma lycra E pressionada para tomar forma de rosto



5) resultado: a máscara pronta para receber adereço.

O adereçamento é feito com variados tipos de aviamentos fornecidos pela própria Amebrás: pedras, brilhantes, fustão, fitas, sobra de EVA, pedaços de tecidos para forrar as

## *Departamento de Artes e Design*

máscaras, passamanarias, sianinhas, fitas de cetim, fitas de gorgurão, penas, lantejoulas, franjas, miçangões, aljofre, canudos de bambu, fitas de veludo e galões, etc...

Todos estes aviamentos são postos em cima da mesa. E como diz o professor Sandro: “Os aviamentos ficam em cima da mesa, a disposição de todas, porém precisa ter gosto e criatividade pra fazer uma máscara legal!”, afirma. Cada uma artesã recebe uma espécie de kit e neste contém uma tesoura, uma pistola de cola quente e um avental.

Elizabeth 42 anos, moradora de Cascadura, faz biscuit a mais de dez anos, mas viu no laboratório uma oportunidade de ampliar seus conhecimentos em artesanato, ela conta: “Aqui, tem dia que eu faço coisas muito bonitas, sabe? Tem dia que eu estou inspirada, estou bem, mas tem dias que não estou legal, então as máscaras não ficam tão bonitas assim”.



Máscaras forradas com sobre de tecido.



Professor Sandro ministrando aula.

Neste laboratório cada aluno recebe a remuneração de 200 reais por um mês de serviço prestado, além de aprender uma nova profissão e ainda poder contar com o dinheiro da passagem e um lanche na parte da tarde, quanto ao almoço eles levam suas marmitas e estas são aquecidas em um microondas. Este laboratório foi oferecido apenas neste período de janeiro e fevereiro de segunda a sexta de 9h às 17h. Após o mês de março a Amebrás retorna às suas atividades normais, oferecendo os cursos já acima mencionados.

A questão da passagem para o ônibus é muitíssimo importante na vida destas mulheres, pois algumas se deslocam de muito longe para estar na Cidade do Samba. Este é o caso de Marilda, 51 anos, viúva e moradora de Bangu, “Eu estava em casa em profunda depressão e minha irmã me convidou para vir aqui na Amebrás fazer parte deste projeto, aceitei a proposta e hoje sou outra pessoa, em tão pouco tempo minha vida esta sendo mudada!” diz Marilda entusiasmada com a nova profissão.

A maioria das mulheres que fazem parte do projeto são mulheres que antes de conhecerem o artesanato estavam numa situação de aflição, desamparo, e desemprego ou, no mínimo ainda tinham o desejo de aumentar a renda familiar. D. Célia, tem 54 anos, é casada e mora na Abolição: “Meu marido é policial federal e tem uma empresa, mas não quer que eu trabalhe com ele por que lá tem muitos homens (ou seja, ele tem ciúmes)”. D. Célia antes de começar a fazer artesanato era cabeleireira e vivia muito bem, porém a vida

lhe reservou uma triste surpresa, teve que fazer uma cirurgia para retirar um “nódulo do tamanho de um limão”, e devido a algumas complicações teve que extrair não apenas o nódulo mas o útero e os ovários. “Entrei numa depressão que não tinha mais fim, o fato de ter de guardar todos os materiais do salão de cabeleireira, isso acabou comigo, só não foi tão pior por que minha recuperação não foi lenta, mas mesmo assim me sentia inútil, sem ter uma atividade” relata. D.Célia conheceu a Amebrás, através do marido de uma amiga que é motorista de ônibus e transporta os estrangeiros até a Cidade do Samba.

“Não perdi tempo, vim assim que soube, diz D.Célia”. D.Célia nunca teve o menor contato com artesanato; está aprendendo tudo aqui, no Laboratório de adereços para o carnaval. Hoje ela cola tecido na máscara, paetês e ainda faz o controle de qualidade das máscaras que são confeccionadas durante o dia. D.Célia diz estar satisfeita com o Laboratório e pretende fazer os cursos assim que começarem em março.

O Laboratório de adereços veio em excelente hora até para mulheres que são de fora do Rio de Janeiro como é o caso de Márcia e Iara.. Márcia tem 33 anos, casada, mora em

São Paulo, mas veio passar férias aqui no Rio na casa de um parente. “Eu era faxineira e foi minha patroa que me incentivou a aprender e trabalhar com artesanato através de um curso gratuito perto da casa dela”, conta Márcia. Sendo assim, Márcia viu a oportunidade de aumentar a renda familiar, já que seu marido é caminhoneiro.

Depois de aceitar a proposta de sua patroa há 3 anos atrás, Márcia começou a aprimorar-se em bordados de roupas femininas, só que ela sozinha não conseguia dar conta da demanda de serviços, pois as lojas começaram a ligar fazendo pedidos. Assim, formou uma equipes de 25 moças que bordam juntamente com ela: “Por mês eu recebo em média 4.500 reais, esta verba é dividida entre eu e as meninas que trabalham, cada uma ganha de acordo com sua produção, o “salário” de cada uma varia de 80 reais à 600 reais”.



Máscaras prontas.

Outra oficina bem interessante é a oficina de reciclagem de fantasias. Esta por sua vez consiste em um curso que tem por objetivo ensinar às artesãs métodos e práticas de aplicação de aviamentos em roupas, máscaras, tecidos etc. Neste curso há um diferencial, pois suas atividades iniciaram com a reciclagem de fantasias antigas que não seriam mais usadas; logo todas estas fantasias foram desmanchadas e tudo nelas será aproveitado desde os tecidos até os paetês a única coisa que precisou comprar foram as miçangas. Após desmancharem todas as fantasias os paetês foram separados por cor em potes improvisados.



### **Em Manaus**

Durante as férias de fim de ano de 2006 viajei para Amazonas – Manaus. Aproveitei a oportunidade para investigar a produção artesanal dos manauaras (assim chamamos quem nasce em Manaus).

Conheci então, a feira Eduardo Ribeiro, que é a feira mais conhecida de todo Amazonas. Trata-se de uma larga avenida que todo sábado é fechada pela prefeitura para este evento artesanal acontecer. É nesta feira que todo povo de Manaus expõem suas peças artesanais. Nesta feira encontramos das mais simples peças artesanais, sendo algumas de material reciclado, como as viseiras feitas de latinhas de refrigerante, até peças mais trabalhosas, como as esculpidas em madeira.

No decorrer de minha caminhada não conseguia nenhuma artesã para conversar comigo, pois as mesmas são desconfiadas e não querem conversar.

Finalmente, em uma banca, conheci o senhor Luis Salgado de 43 anos. Luis é artista plástico e artesão, e ele disse sobre seu trabalho: “Vivo do artesanato é isto que aprendi e sei fazer até hoje, gosto de pintar quadros abstratos, alguns estão até no exterior, tenho quadros na Itália e na França, mas pra ganhar dinheiro mesmo, entalho madeiras faço portas e remos” conta.

Luis diz que aprendeu artesanato aos 17 anos, “foi numa fase ruim de minha vida, não tinha emprego, mas graças a Deus um amigo me perguntou se eu queria aprender a entalhar madeira, eu disse que queria e é o que faço de melhor até hoje.” diz satisfeito com a profissão. Ele disse que trabalha por encomenda e tudo o que faz à mais vende tudo, “Não fica um remo sequer! Quanto mais eu trabalho mais eu vendo!” conta.

No decorrer da conversa Luis disse que conhecia uma família totalmente envolvida com artesanato e que eles não se importariam em conversar comigo, peguei os contatos e cheguei até a loja desta família e fiquei impressionadíssima com o que vi.



Cental de Artesanato Branco e Silva.

O nome da loja é J. Alcântara, fica na Central do Artesanato Branco e Silva. Esta é uma instituição mantida pelo Governo do Estado do Amazonas e vinculada à Secretaria de Estado do Trabalho e Assistência Social – Setrab. A Central reúne 23 lojas de produtos artesanais, além de um salão para exposições e atividades culturais, restaurante e floricultura, distribuídos em um ambiente espaçoso e muito bem projetado. Ao chegar na loja fui atendida por Joe Alcântara, o responsável por esta loja. “Sou artesão, mas também cuido desta loja para meu pai, José Alcântara” conta.

## *Departamento de Artes e Design*

Joe diz que sua família é grande e seu pai é entalhador há mais de 20 anos, “Papai aprendeu praticamente sozinho a entalhar madeira, observava os outros, começou a conhecer árvores e entalha madeira até hoje” diz. Joe tem mais 6 irmãos, sendo 3 mulheres e 3 homens com ele são sete filhos e todos aprenderam a lidar com madeiras e as ferramentas adequadas para esculpi-la, “lá em casa até as mulheres esculpem, é claro que devido ao peso das ferramentas o trabalho delas é um pouco mais lento que o dos homens, mas a qualidade é a mesma!” orgulha-se.



Joe entalhando madeira (observe que na parede há quadros, todos em alto relevo.)

Todos os irmãos de Joe, mesmo depois de casados e formados academicamente, escolheram a profissão do pai ou exercem as duas: “tenho um irmão que é engenheiro, mas ele gosta de trabalhar com madeira, os outros também são todos estudados, mas aprendemos com papai esta profissão e gostamos dela,” conta. O interessante é que neste caso o artesanato é uma escolha; embora tenham aprendido outras profissões, eles optaram por ter a profissão do pai.

O trabalho que a família Alcântara desenvolve me impressionou. Eles colhem a madeira legalmente fornecida pelo governo, transportam-na até seus ateliers e começam a cortá-la e entalhá-la; as ferramentas utilizadas são formão, cantilhador e as mais variadas lixas. Para acabamentos eles usam veniz e a simples tinta guache que é selada com selador (uma espécie de química líquida que fixa a tinta), os animais esculpidos são os da própria Amazônia, araras, onças, jacarés, variados tipos de peixes e parecem reais, alguns são vendidos até para colecionadores e pessoas famosas.

Com o resto da madeira eles fazem pequenos objetos como porta – canetas, chaveiros com iniciais de nomes, descanso de copos etc.



Peças finalizadas: capricho no acabamento.

**Conclusão / futuros trabalhos**

Através da observação e das conversas com as mulheres artesãs da AMEBRAS, foi possível começar a conhecer melhor a dinâmica e processo produtivo das oficinas, colher alguns depoimentos sobre o papel desempenhado pelas mesmas na vida das artesãs, e a planejar a continuação da pesquisa, visando o seu aprofundamento e sistematização. Além disso, foi esboçada a suposição de que a própria realização da pesquisa já pode ser entendida, de certa forma, como uma intervenção, e que essa intervenção, em si mesma, já pode representar uma forma de valorização das vivências subjetivas das artesãs, na medida em que estas são convidadas a falar sobre si mesmas e sobre a sua inserção nas oficinas para um interlocutor interessado (e respaldado por uma instituição acadêmica, da qual o pesquisador é também um representante). Essa suposição será levada em consideração no planejamento da próxima etapa da pesquisa, que visará adaptar e aplicar o MEDS ao universo pesquisado, a fim de fornecer orientações para o planejamento de uma ação de design. Espera-se que os resultados desta pesquisa sirvam como fundamentação para o planejamento de uma ação criteriosa e interdisciplinar de design, visando a melhoria do processo de produção, de forma a atender o melhor possível ao que se expressar nas falas das artesãs.

**Agradecimentos**

Agradeço a Deus, a minha família, amigos e a minha orientadora Denise Portinari, pois estes contribuíram direta ou indiretamente para que esta pesquisa se concluísse.

**Referências**

BARROS, L. A. **Design e Artesanato: as Trocas Possíveis**. Rio de Janeiro, 2007. 132p. MSc (Programa de Pós-Graduação em Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

CABRAL, F.G.S. **Saberes Sobrepostos: design e artesanato na produção de objetos culturais**. Rio de Janeiro, 2007. 137p. MSc (Programa de Pós-Graduação em Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

GOMES DE OLIVEIRA, M. L. **Bordado como Assinatura: tradição e inovação do artesanato na comunidade de Barateiro – Itapajé/CE**. Rio de Janeiro, 2006. 164p. MSc (Programa de Pós-Graduação em Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M, “O campo da pesquisa qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS)”. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Aceito para publicação em 2006. No prelo.